



Bloco de Esquerda do Concelho de Caminha

Senhor Presidente da Assembleia Municipal
Senhor Presidente, senhoras e senhores Vereadores da Câmara Municipal
Senhores e senhoras Deputados Municipais
Senhores e senhoras Presidentes de Juntas de Freguesia
Exmas. Autoridades
Público presente e a assistir via Internet
Senhores e senhoras jornalistas

Neste dia em que comemoramos os 49 anos da Revolução de Abril, fazemo-lo com alegria, **mas também com muita tristeza.**

Alegria, por termos conseguido quebrar o jugo ditatorial, abrindo horizontes de esperança; **mas tristeza também**, por constatar que estes 49 anos ainda não foram suficientes para construir uma sociedade justa; **mais justa para todos.**

Tristeza por vermos que hoje – 49 anos depois – ainda decorre no nosso país um cenário quase de guerra. E não é uma guerra lá longe no Leste, nem uma guerra em África, hoje, em Portugal, decorre uma “guerra civil” nas ruas, com gente obrigada a entrincheirar-se numa luta constante por uma vida digna.

Todos os dias assistimos a todo o tipo de manifestações dos trabalhadores deste país, gente que trabalha e trabalha e fica cada vez mais pobre e vive cada vez mais em habitações indignas e sem acesso a serviços básicos essenciais.

Caros concidadãos,

tenho dúvidas se estes 49 anos não serão tempo demais para uma Democracia que começa a mostrar sinais de senilidade e de incapacidade de aportar felicidade e bem-estar à vida dos trabalhadores, ou se, **pelo contrário**, estes 49 anos ainda são poucos anos e ainda teremos de esperar mais para que a nossa Democracia atinja a maturidade que todos ansiamos.



Bloco de Esquerda do Concelho de Caminha

É com profunda mágoa que vos digo que estes 49 anos ainda não se revelaram suficientes para que o Povo não tenha necessidade de vir para a rua gritar; pelo contrário, vemos como cada vez mais os portugueses e portuguesas, e ainda todos aqueles que optam por vir viver para o nosso país, infelizmente, têm mais motivos para contestar o estado a que este país chegou.

Assistimos diariamente às filas que começam a formar-se de madrugada à porta de alguns centros de saúde, por milhares de pessoas que não têm médico de família no Serviço Nacional de Saúde e se veem empurrados, embora sem posses, para os serviços de saúde privados.

Enquanto uns dormem, outros permanecem toda a noite a marcar vez para conseguir uma consulta ou uma simples receita; para tentar sobreviver neste país onde o Serviço Nacional de Saúde não cumpre devidamente com o seu propósito e a cada dia que passa se mostra mais degradado, obrigando os cidadãos a suportar o inferno das filas e da inacessibilidade aos cuidados médicos.

Caros caminhenses, não foi para isto que a Revolução de Abril se fez.

Não foi para ver o Povo em sofrimento, nem os profissionais do Serviço Nacional de Saúde na rua, porque não são ouvidos relativamente aos problemas a que assistem e dos quais têm conhecimento direto.

Mas se na saúde o desrespeito pelos nossos concidadãos pode ter consequências fatais, na educação, o desrespeito pela Escola Pública, pode ter um efeito letal para o futuro deste país.

A Escola Pública – **chamemos-lhe: o “Serviço Nacional de Educação”** – é cada vez mais substituído por escolas privadas, afetas a interesses meramente financeiros ou de cariz doutrinário de religiões; religiões estas que também se constituem num verdadeiro Estado dentro do Estado, que, sob a forma de múltiplas organizações, substituem-se a um Estado que mostra a sua total incapacidade de acudir aos seus cidadãos e que perante tal evidência, só podemos considerar que estamos perante um Estado falhado.



Bloco de Esquerda do Concelho de Caminha

E falha também o Estado nas suas políticas de Habitação.

Os nossos concidadãos nem sequer têm direito a uma habitação condigna, por inexistência – **e por desistência dos sucessivos governos** – na disponibilização de um parque público de habitação em número suficiente que possa tirar, **de vez**, todos e todas aqueles que vivem em bairros de lata terceiro-mundistas, em habitações degradadas e insanas, porque quem aufero o ordenado mínimo ou reformas miseráveis não pode pagar uma habitação minimamente digna.

Aliás, o ordenado mínimo está de acordo com a ação dos sucessivos governos, pois mesmo com toda a propaganda que vão fazendo, as políticas da Habitação estão sempre ao nível dos serviços mínimos, por mais maquilhagem colorida com que sejam apresentados.

A governação de serviços mínimos resulta na destruição de todos os pilares básicos de uma Democracia saudável, e não é só na Saúde, na Educação ou na Habitação, como referimos; os serviços mínimos do Estado destroem também a Justiça, os Transportes Públicos, os pequenos empresários, toda a economia local e nacional e, finalmente, o Emprego e o bem-estar social.

Os trabalhadores de hoje trabalham para sobreviver e, pior ainda, uma parte muito importante mantém-se numa situação de pobreza, ao mesmo tempo que se assiste ao crescimento cada vez maior do fosso das desigualdades salariais e sociais.

E não foi para isto que Abril aconteceu há 49 anos.

A Democracia de Abril exige um trabalho diário e não um desleixo diário.

Aqueles que o Povo elege para sua representação não podem sentir-se satisfeitos e dormir de consciência tranquila, enquanto diariamente ocorrem injustiças sociais que desmoronam as pessoas e a Democracia.



Bloco de Esquerda do Concelho de Caminha

O desinvestimento das funções universais básicas e públicas a favor das iniciativas privadas não pode continuar. O Estado tem de garantir a todos os cidadãos os serviços básicos de qualidade, porque aquilo a que assistimos hoje é precisamente o contrário: **o desinvestimento e o empobrecimento generalizado que torna inacessíveis os serviços básicos ou que muito dificulta o acesso aos mesmos**, a não ser com a ajuda de tantas entidades que se dedicam à caridade, porque é a caridade crescente que suporta grande parte dos cidadãos deste país com esta Democracia nascida de um 25 de Abril que ainda está por cumprir.

E é muito por isto que a nossa Democracia se vê violada pelo crescimento de ideias populistas, xenófobas, racistas e fascistas, colhendo tudo isto no seio de um Povo descrente, desiludido e sem esperança.

Não basta estarmos aqui a elogiar e a festejar o Abril de há 49 anos, ansiando por uma festança maior nos cinquenta anos redondos para o próximo ano, temos que estar aqui, presentes, como um sinal de alerta, como uma sirene barulhenta, alertando para o risco desta Democracia vir a prescrever, porque depois de tantos anos sem que se alcancem os objetivos de Abril, tal como na Justiça, corremos o risco de assistirmos a uma prescrição da Democracia e ao seu arquivamento liminar.

Para terminar, não posso deixar de reproduzir as palavras de Sophia, que, de forma tão simples, tão bem pintam o retrato da alma daquele momento de Abril.

Diz assim:

**“Esta é madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo”**

Viva Portugal !

Viva o 25 de Abril !

Viva Portugal de Abril e que se concretize todos os dias do ano !